

HESÍODO

TEOGONIA TRABALHOS E DIAS

BIBLIOTECA DE AUTORES
CLÁSSICOS

Título: Teogonia
Trabalhos e Dias

Autor: Hesíodo

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2005

ISBN: 972-27-1391-4

Depósito legal: 231 993/05

PREFÁCIO

Se Hesíodo e Homero foram ou não contemporâneos, e quais as suas obras autênticas, é assunto que ainda hoje se discute e já se discutia na Antiguidade. Assim, quanto ao primeiro ponto, o historiador Heródoto escreveu (II.53):

Efectivamente, penso que Hesíodo e Homero são anteriores a mim uns quatrocentos anos, e não mais.

Tal afirmação coloca-os, portanto, no século IX a. C. E, no século II da nossa era, ainda Pausânias havia de declarar, na sua *Descrição da Grécia* (IX.30.3):

Quanto à data de Hesíodo e Homero, depois de me ter esforçado grandemente por apurar a verdade com todo o rigor, não me aprouve escrevê-lo, por saber quanto há de controverso nesta questão, sobretudo entre os críticos da epopeia meus contemporâneos.

A questão há-de ressurgir nos finais do século XVIII, a partir dos trabalhos de F. A. Wolf, que abrangem sobretudo Homero, mas também Hesíodo, com base, designadamente, na suposta inexistência de um sistema de escrita, e consequente impossibilidade de compor e memorizar poemas tão extensos. Sem entrarmos em pormenores ¹, recordaremos apenas que daí

¹ Pelo que toca à Questão Homérica, desnecessário é dizer que existe uma bibliografia interminável. Pode ler-se um resumo actualizado em Powell (2004: 3-34).

descendem as teorias analíticas e, a partir de 1928 (embora só viessem a exercer grande influência pelos meados do século), a da improvisação oral, de Milman Parry, e a do ditado, do seu sucessor, A. B. Lord. E aqui nos encontramos com outros dois factores que estão no âmago desta discussão: a data da introdução do alfabeto e as escavações em países do Próximo Oriente, que, por sua vez, propiciaram o conhecimento de outros sistemas de escrita², em que se conservaram muitos textos literários.

Quanto à introdução do sistema alfabético, que os próprios Gregos consideraram de proveniência fenícia, a sua data provável tem vindo a recuar nos últimos tempos, à medida em que se encontram inscrições cada vez mais antigas. Actualmente supõe-se, na generalidade, que o acontecimento terá ocorrido não muito depois de 800 a. C.³

Por outro lado, diferentes dados, trazidos do Próximo Oriente, tinham começado a ser conhecidos. Assim, na segunda metade do século XIX, decifrou-se a escrita cuneiforme dos Acádios, que revelou o poema babilónico *Enuma Elis* e a epopeia de *Gilgamesh*, e, em 1929, começaram as escavações em Ugarit, onde apareceram textos em hitita, que começaram a ser lidos nas décadas seguintes. Assim se tornou conhecida a versão nessa língua (embora vinda de antecedentes hurritas) da *Canção de Kumarbi* (que seria de meados do segundo milénio a. C.).

Do conhecimento dos novos textos e da descoberta de paralelismos com as histórias narradas por Homero e Hesíodo

² Não entram neste grupo, como é evidente, as escavações em Creta, principiadas em 1900 por A. Evans, nem a descoberta, aí e noutros lugares da Grécia, de um sistema de escrita silábico, o Linear A (ainda por decifrar) e o Linear B, identificado em 1953 por Ventris e Chadwick como um dialecto grego muito antigo, o micénico.

³ Esta nova datação tem por base o achado de três *graffiti*, breves e fragmentados, em Lefkandi, na ilha de Eubeia, datáveis de c. 750 a. C. A tendência actual é para situar a criação do alfabeto grego nessa mesma ilha, que tantas surpresas tem trazido aos arqueólogos (Powell, 1997: 22). O mesmo autor acentua que a descoberta do fonema em representação gráfica foi «um feito grego» (Powell, 1997: 12). Do mesmo modo, Woodard (1997: 135) reconhece que «os Gregos não só adoptaram o sistema consonântico da escrita fenícia, mas modificaram-no de um modo fundamental».

têm resultado, sobretudo a partir dos meados do século xx, numerosos estudos, de entre os quais se destaca, nos últimos anos, o livro de M. L. West, *The East Face of Helicon* (Oxford, 1997), que analisa com pormenor as semelhanças temáticas e até estilísticas entre os poemas orientais e os gregos.

Recebida pela crítica com admiração, mas também com algumas reservas⁴, a obra acumula um sem número de exemplos. Pelo que toca ao nosso autor, o mito da sucessão divina, que ocupa largo espaço na *Teogonia*, deverá ser proveniente, em grande parte, do modelo babilónio de *Enuma Elis* e sobretudo do poema hitita *A Canção de Kumarbi*, ao passo que preceitos de vária ordem de *Trabalhos e Dias* se aproximariam principalmente dos *Ensinamentos de Shuruppak*, que ascendiam aos Sumérios.

Não vamos deter-nos na análise do material acumulado por West, nem nos antecedentes desta nova fase do orientalismo, sumariadas na recensão de Ken Dowden⁵. Queremos somente sublinhar que, tal como esse especialista, temos sempre em mente «o perigo da similitude não significativa», que, «em questões de poesia, há muita coisa que tem probabilidades de ser uniforme entre muitas sociedades arcaicas», e, sobretudo, que «precisamos de hesitar antes de privilegiar as semelhanças grego/próximo oriente, especialmente quando se perdeu uma parte tão grande da tradição indo-europeia»⁶. Por outro lado, o capítulo final do livro, relativo à questão da transmissão, não obstante a acumulação de dados históricos, não resolve as dúvidas principais, como o modo de transmissão. Aí reside, para nós, a objecção maior.

Aliás, o próprio West assinala, de passagem, a existência de diferenças. Uma é a ausência do Hino às Musas, na abertura da *Teogonia*, divindades essas que ele reconhece não terem qualquer equivalente na tradição poética da Ásia Oci-

⁴ Vejam-se, em especial, as recensões do orientalista George (2000: 103-106) e do helenista Dowden (2001: 167-175).

⁵ Dowden (2001). Note-se que as semelhanças entre os mitos de Hesíodo e os do Próximo Oriente já tinham sido assinalados por outros autores, designadamente por Lesky (1955: 35-52) e por Walcot (1966). Entre nós, o primeiro artigo sobre a questão foi, que saibamos, o do P.º E. Dias Palmeira, «Elementos orientais na poesia homérica [e hesiódica]», *Itinerarium*, 59 e 65 (1968), 103-113 e 418-427.

⁶ Dowden (2001: 173).

dental⁷. Outra é, no mesmo poema, a anteposição de uma cosmogonia à teogonia⁸. Outra ainda, nos *Trabalhos e Dias*, é a presença, no mito das idades, de uma geração, a dos heróis, que não figura nas narrativas orientais nem aliás noutras que foram compostas posteriormente⁹.

O especial valor destes três exemplos não pode deixar de ser realçado. Assim, o Hino às Musas, no prómio da *Teogonia* (vv. 1-115), contém a primeira distinção entre poesia e verdade (vv. 26-28), uma cena de investidura poética (vv. 29-34) e um catálogo dessas divindades, cujos nomes são preludiados em versos anteriores (vv. 63-79). Trata-se, portanto, de uma série de nomes falantes, que constituem aquilo que B. Snell foi, que saibamos, o primeiro a chamar «uma poética em forma teológica»¹⁰. Efectivamente, fala-se da glória que os versos concedem, da variedade e encanto da música que os acompanhava, dos festins em que podia ser escutada.

Quanto à presença de uma cosmogonia antes da teogonia, já G. S. Kirk observou que tal alteração é um prenúncio do racionalismo grego¹¹. Outro aspecto não menos significativo, apontado por A. Lesky, é o facto de a luta pela sucessão divina não ser apenas uma sucessão de violências exercidas pelos deuses a fim de alcançarem a soberania, mas o caminhar difícil para a ascensão de Zeus ao poder, e, com ele, o triunfo da Justiça¹².

⁷ West (1997: 170, 216). Assim entende também Clay (2003: 4, 80). Nisbet (2004: 147-163) vai ao ponto de rejeitar a autenticidade deste passo — sem fundamento, a nosso ver.

⁸ West (1997: 288).

⁹ West (1992: 316). Lembre-se, entre as versões romanas, a de Ovídio, *Metamorfoses*, 1.89-150, que só conhece quatro idades.

¹⁰ Snell (1995: 66). Observe-se que os nomes das nove Musas, que ocorrem aqui pela primeira vez (os Poemas Homéricos invocam-nas sem as nomearem), serão usados indiferentemente — ao contrário do que em geral se julga — durante séculos. Só a partir do século II da nossa era é que recebem atribuições específicas.

¹¹ Kirk (1962: 91). Ao discutir o que ele chama «esquema genealógico», Burkert (1981: 22) observa que «tem um alcance ainda maior, quando poderes abstractos são representados como geradores e procriadores» e prossegue «isto é quase já alegoria e invólucro narrativo de relações sequencialmente pensadas».

¹² Lesky (1955: 35-52).

O mito das Cinco Idades, que figura em *Trabalhos e Dias* (vv. 109-201), na medida em que apresenta a história da humanidade como uma sucessão de raças que vão perdendo qualidade desde o ouro ao ferro, passando pela prata e pelo bronze, é um motivo comum a outros povos antigos. A grande diferença é que, em vez da degenerescência contínua que os metais simbolizavam, aparece uma quinta raça entre o bronze e o ferro, que é a dos heróis, sobre cuja presença muito se tem especulado. Das numerosas exegeses propostas, parece-me mais convincente a de T. G. Rosenmeyer, que entende tratar-se da inserção de reminiscências históricas de importância: as da época dos heróis de Tróia e de Tebas, cuja gesta estava sempre presente na memória colectiva grega¹³.

Outra questão já discutida pelos Antigos é a da autenticidade das obras que têm sido atribuídas ao poeta. O mesmo Pausânias que citámos no começo deste prefácio conta que os Beócios que habitavam na região em volta do Monte Hélicon lhe haviam falado de uma tradição segundo a qual Hesíodo nada mais compusera do que os *Trabalhos e Dias*, e desse poema retiravam ainda o Hino às Musas¹⁴, afirmando que o começo era a parte referente às Érides. Diversamente, continua o Periegeta, outros afirmavam que dele eram numerosos outros poemas, como o *Catálogo das Heroínas*, o *Grande Catálogo das Heroínas*, a *Teogonia*, a *Melampodia*, a *Descida ao Hades de Teseu com Piríto*, os *Preceitos de Quíron* (IX.31.4-5).

Deste conjunto de obras, a que outras se foram juntando, como o *Escudo de Hércules*, a *Astronomia* e a *Ornitomancia*, a crítica actual só tem por autênticos, além de fragmentos¹⁵, a *Teogonia* e os *Trabalhos e Dias*. É desses que vamos ocupar-nos nas suas linhas gerais.

Da *Teogonia* dissemos já que abre com o Hino às Musas (vv. 1-115), que cantam e dançam em volta da fonte e do altar

¹³ Rosenmeyer (1957: 257-285).

¹⁴ Para Clay (2003: 175), «as Musas são essenciais ao termo da *Teogonia*. Sem o seu auxílio e intervenção, Hesíodo, como simples mortal, não pode ter acesso ao conhecimento dos começos do *cosmos* e da evolução da ordem divina.»

¹⁵ Merkelbach e West (1967) dão como autênticos, além dos poemas mencionados por Pausânias, fragmentos de *Bodas de Céix*, *Dáctilos Ideus*, *Grandes Trabalhos*, *Astronomia*, *Forno* e, talvez, *Egímio*.

de Zeus Crónida, no alto do Monte Hélicon. É só depois de terminada essa cena inesquecível, que envolve a investidura poética, que se estabelece a genealogia dos deuses (cuja origem já estava preludiada a partir do v. 106), mas que só agora vai articular-se cronologicamente, a partir de um elemento primordial que tem sido objecto de muita discussão, Caos («abismo hiante»), a que se seguem Gaia («Terra») e Eros¹⁶. A partir destes, começam a surgir outros elementos da natureza: de Caos provêm Érebo e Noite e, de Gaia, Urano («Céu»), as Montanhas, o Mar. Só depois disto se enumeram as uniões entre os deuses, Gaia e Urano, donde nascerão os Titãs, os Ciclopes e os Hecatonquiros («Cem-Braços»); e começa a luta pela sucessão, que, além desta primeira fase, em que Cronos, filho de Urano, mutila o pai, outra surgirá em que, por sua vez, Cronos será destronado por seu filho Zeus, quando este, auxiliado pelos Cem-Braços, vence finalmente os Titãs e os enclosura no Tártaro. A luta pelo poder conhecerá, porém, um novo perigo: o terrível monstro Tifeu, produzido pela união de Gaia e de Tártaro. Uma vez alcançada a vitória, Zeus obtém a realeza, com aprazimento geral, e reparte as honrarias pelos deuses (vv. 881-885).

A autenticidade dos versos que se seguem, até ao v. 1022, tem sido muito discutida¹⁷. Os mais ousados, como P. Mazon, aceitam colocar o final na bela despedida aos deuses olímpicos e evocação da paisagem grega: ilhas, continente e mar salgado (vv. 963-964). Outros, como Aly e Jacoby, vão até ao v. 929 (geração de Hefestos por Hera, como resposta à criação de Atena por Zeus). West coloca o termo do poema no v. 900, com o nascimento da deusa de olhos garços, resultante da união de Zeus com Métis («Esperteza»). E aqui se insere mais uma variante da ameaça de um deus ser vencido por um filho mais

¹⁶ Embora todos os manuscritos mencionem o Tártaro entre estes elementos, pertencemos ao número dos que, com base na omissão dos vv. 118-119, em que ele é referido, por Platão, *Banquete*, 178b, e Aristóteles, *Metafísica*, 984a27, os têm por apócrifos. West, que os aceita na sua edição, formula, no entanto, a hipótese de Hesíodo ter usado inicialmente «o trio Caos, Terra, Eros, e inserido o Tártaro mais tarde, quando chegou à Titanomaquia» (West, 1966: 194). Para Clay (2003: 16), o plural *Tartara* representa apenas o interior da Terra.

¹⁷ Como escreveu Clay (2003: 30), é «uma questão sobre a qual parece que não há dois especialistas que estejam de acordo».

forte do que ele, perigo que Zeus supera (prevenido por Gaia e por Urano), engolindo a sua consorte, pelo que será da sua cabeça que Atena vai nascer¹⁸.

Embora West apresente argumentos de ordem estrutural, histórica, estilística e linguística para fundamentar a sua tese¹⁹, é difícil aceitar que, dizendo o poeta que Métis fora a primeira esposa, não se seguisse, como efectivamente sucede, um catálogo das muitas outras, às quais correspondem personificações dos atributos do deus supremo, como Témis («Rectidão»), que por sua vez gera Eunomia («Boa Ordem»), *Dike* («Justiça») e Eirene («Paz»), bem como as Parcas. Mais adiante menciona-se de novo Mnemósine («Memória»), mãe das Musas. Por outro lado, o estilo da enumeração e o carácter repetitivo de alguns mitos, como o do nascimento das Musas e o da própria Atena, devem pôr-nos de sobreaviso. Por sua vez, a descendência de outros deuses, que vai até ao v. 964, é seguida de uma invocação às Musas, para que cantem as deusas que tiveram filhos de mortais. Também aqui o carácter tardio de muitos desses mitos tem levado os comentadores a duvidar da autenticidade desta continuação. Por último, os dois versos finais (vv. 1021-1022) são o início de outra obra, o *Catálogo das Heroínas*, de que, conforme já dissemos, se conservam fragmentos²⁰.

De toda a maneira, terá sido a versão mais extensa a obra de referência, ao lado dos Poemas Homéricos, que fazia as vezes de um compêndio que os Helenos, que não professavam uma religião de livro, não possuíam. Efectivamente, logo a seguir ao texto de Heródoto (II.53) mencionado no princípio destas considerações, pode ler-se²¹:

Foram esses os que inventaram aos Gregos a Teogonia e atribuíram aos deuses os seus nomes, que

¹⁸ Esta lenda tem variantes, de que a mais conhecida (quer em poemas, quer em pinturas de vasos) é a de Zeus se ter afastado de Tétis, ao tomar conhecimento de que poderia incorrer num perigo similar, caso se unisse a ela. Pelo que a deusa desposou um mortal, Peleu, de quem conceberia Aquiles. Sobre a questão, *vide* West (1966: 401-403), com bibliografia.

¹⁹ West (1966: 398-399).

²⁰ Sobre as diversas teses relativas à autenticidade do *Catálogo das Heroínas*, *vide* Clay (2003: 164-174).

²¹ Abstraímos aqui da confirmação da existência de nomes de numerosos deuses em tempos micênicos, confirmação essa que se vai alargando à medida que se vão decifrando novas tabuinhas escritas em Linear B.

ÍNDICES

ÍNDICE GERAL

Prefácio, por MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA	7
Bibliografia selecta	19
Advertência preliminar	23
TEOGONIA	25
TRABALHOS E DIAS	75
Apêndice 1 — Calendário agrícola nos <i>Trabalhos e Dias</i>	125
Apêndice 2 — Descrição do arado nos <i>Trabalhos e Dias</i>	129

Anexo

CERTAME ENTRE HOMERO E HESÍODO	135
Índice de nomes	163